



Jornadas Científicas de Outono IHC – Polo da Universidade de Évora
Jornadas de Doutoramento de História e Filosofia da Ciência - Museologia

História da Ciência | Património | Território | Instituições

15 e 16 de outubro de 2021

Sexta: 15h00-19h00

Sábado: 10h00-13h00

Universidade de Évora

CES - Sala docentes

Terminado o período estival e aproximando-se o Outono, é tempo de **retomar as nossas atividades académicas** e conhecermos, com maior detalhe e profundidade, os projetos conduzidos, na atualidade, por quem, pertencendo ao IHC e frequentando o Doutoramento, se dedica, de forma interdisciplinar, transdisciplinar e comparativa, ao estudo da História e da Filosofia da Ciência.

Estes **dois dias de reflexão conjunta** possibilitam o debate de ideias, o acumular de conhecimento e o entrever de novas hipóteses de trabalho. Dois dias que decorrem também no contexto do **IN2PAST, o Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território**, cuja composição permite reforçar e abrir linhas de investigação colaborativas entre colegas de diferentes áreas disciplinares, assim como estreitar colaborações institucionais, públicas e privadas, individuais e coletivas.

Dois gerações se encontram nestas Jornadas: a dos investigadores doutorados e a dos doutorandos de HFC-museologia.



15 de OUTUBRO

15h00 - **Abertura dos trabalhos** por Maria de Fátima Nunes

1.^a sessão – Moderação: Ana Cristina Martins

15h15 – Jesús Manuel Bermejo Roldán, *O papel de Portugal na cooperação intelectual transnacional concebida pela Liga das Nações: análise do desempenho dos intelectuais portugueses*

“El presente estudio investiga la participación de Portugal en las actividades de la Comisión Internacional de Cooperación Intelectual y del Instituto Internacional de Cooperación Intelectual. La función de estos dos organismos era la de crear una atmósfera de solidaridad internacional que hiciera posible la cooperación de las naciones en el dominio intelectual. El objetivo de este trabajo es, aparte de estudiar los procesos diplomáticos que dieron forma al Comité Internacional de Cooperación Intelectual y al Instituto de Cooperación Intelectual, examinar la labor de Portugal en el marco de la cooperación internacional vinculada al organismo de Ginebra. Para la consecución de este objetivo, usando una perspectiva transnacional, nos basamos en tres premisas principales: en primer lugar, nos preguntamos si la acción político-diplomática de Portugal en la Sociedad de Naciones tuvo un reflejo similar en su participación en la Comisión objeto de esta investigación. En segundo lugar, pretendemos establecer si Portugal experimentó un desarrollo científico y tecnológico en esta comunión intelectual formada por todos los Estados miembros de la Sociedad de Naciones (SdN). Igualmente, quisiéramos comprobar si, al igual que ocurrió en el seno de la SdN, los dos países ibéricos tuvieron una divergente participación en el proyecto de cooperación intelectual internacional. Por último, es importante subrayar en esta investigación que la internacionalización de las actividades de la cooperación intelectual contribuyó a la creación de un sector, dentro del organigrama institucional del Ministerio de Relaciones Exteriores de Portugal, dedicado a los asuntos de cooperación intelectual consagrando, de esta forma, la dimensión cultural de la política exterior lusa.”

15h30 – José Luiz Assis - *(NATO): Science and Diplomacy (1946-2010)*

“O presente estudo insere-se na conjuntura internacional do período da “Cold War” e do “internacionalismo científico”, no qual está presente a importância da Ciência e da Diplomacia Científica criada nos Estados Unidos e no seio da (NATO). Investigadores como Odd Wasted, David Reynolds e Fernando Carvalho Rodrigues alertaram para a necessidade da abertura de novos paradigmas de investigação no âmbito da Guerra Fria como a Ciência, a Tecnologia e a Diplomacia Científica. É nesse paradigma que incluímos a História da Ciência do 2º pós-Guerra Fria num momento de afirmação e ascendência de poder político da opinião dos cientistas nos Estados Unidos e que viria proporcionar o que alguns autores designam de “Big Science”. Esse momento de afirmação e ascendência dos cientistas teve início com a administração do presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) através do “*Science: the Endless frontier*” e depois seria fortalecida na administração seguinte com o presidente Dwight David “Ike” Eisenhower (1890-1969).

A história do envolvimento e contributo da “(NATO): Science and Diplomacy” para o progresso da própria (NATO) e dos seus parceiros, precisa de ser mais alargada e aprofundada de maneira a ficarmos com uma ideia aproximada da sua real importância na resolução dos múltiplos desafios à paz e segurança no mundo ocidental. Para o pouco conhecimento – diríamos quase ausência – de estudos desta problemática tem contribuído o facto de ter permanecido à margem de trabalhos sistemáticos e aprofundados por parte de investigadores e académicos da História da Ciência, nacionais e internacionais. Com este estudo sobre a “(NATO): Science and Diplomacy (1946-2010)” procuramos dar a conhecer a evolução interna e externa da Ciência produzida em ambiente (NATO), bem como a sua atividade científica em aspetos tão importantes e diversos como o da complexificação da Ciência, das linguagens científicas, da diversidade das áreas e dos leitores. É, de facto, através do estudo da evolução da Ciência gerada em ambiente (NATO) que melhor podemos conhecer e enriquecer o conhecimento sobre a política científica da Organização e dos seus parceiros, as mentalidades e as vivências científicas militares e civis.”

15h45 – António Cândido Franco, *A divulgação da ciência em Agostinho da Silva (1939-1944)*

“Agostinho da Silva e os projectos da Renascença Portuguesa e da Seara Nova (1928-1938). Agostinho da Silva e António Sérgio na década de 30 do século XX. A cisão seareira de 1937/38 e a editora de divulgação cultural de Agostinho da Silva. As escolhas científicas de Agostinho, as suas edições infantis e os Cadernos Culturais. A censura política e o fim da actividade editorial de Agostinho.”

16h00 - Cristina Marques Pata, *O laboratório Portátil do Instituto Superior Técnico – A capa da (in)visibilidade*

“Seguindo as agendas historiográficas mais recentes este trabalho insere-se dentro de uma agenda de novas fontes e metodologias, a biografia dos objetos. A materialidade científica que ficou e constitui a memória não organizada, não preservada é uma materialidade que nos permite entender o que era a Prática Científica no Instituto Superior Técnico.

Centramo-nos no laboratório de campo portátil descrito num artigo publicado em Março de 1946 na Revista Técnica da AEIST pela primeira docente feminina, Engenheira Isabel Maria de Meleças Gago, de uma Escola de Engenharia, o Instituto Superior Técnico, enquanto 2ª Assistente da cadeira de Docimásia: “Laboratório portátil especialmente para uso de mineralogistas, adaptado às técnicas de micro-análise”.

Este laboratório portátil de campo foi planificado, projetado e organizado por Isabel Gago sendo o principal objetivo do seu uso o desenvolvimento de uma secção de semi-microanálise (pesquisas qualitativas muito rápidas) para a exploração mineira. Assim, podiam ser realizadas análises químicas aplicadas a minérios e substâncias minerais, seguindo um conjunto de procedimentos e técnicas, rigorosamente descritas naquele artigo, com particular destaque à caracterização pormenorizada por electrografia.

Curiosamente, do largo espectro da invisibilidade, numa caixa mala de viagem, a pouco e pouco vão brotando as memórias guardadas ganhando uma nova vida este laboratório perdido e esquecido.”

16h15 – Luís Mendonça de Carvalho, Francisca Fernandes e Fátima Nunes, *A Apotheosis da Botânica ou o Simbolismo das Plantas em Arte*

“Durante milénios, os estudos de botânica estiveram sempre associados à medicina e, em menor escala, à agricultura. A botânica foi, essencialmente, uma disciplina médico-farmacêutica.

Simultaneamente, outros usos culturais foram surgindo: os usos simbólicos. Distintas sociedades atribuíram às plantas características eminentemente humanas (pecado, redenção, sofrimento, salvação, etc.), imbuindo-as de um simbolismo que ainda hoje permanece, embora com leitura menos generalizada, devido à progressiva perda do contexto cultura para o qual os símbolos foram criados.

Durante a nossa comunicação, apresentaremos uma metodologia que deseja facilitar a leitura da simbologia das plantas na Arte Sacra Cristã, de forma que os atributos ligados a diferentes espécies possam ser recuperados. Esta metodologia poderá ser aplicada em distintos museus, nos quais as colecções de arte sacra estejam presentes e sejam relevantes, como é o caso de muitos museus portugueses, nos quais se conservam obras inicialmente criadas para instituições religiosas.

O conhecimento do simbolismo das plantas, em arte sacra, permite uma mais clara compreensão das mensagens que as obras encerram, promovendo, assim, uma ligação emocional mais forte com as mesmas. Uma experiência sensorial mais rica irá, decerto, conduzir a um maior grau de envolvimento dos visitantes com os museus e as suas colecções.”

16h30 – Debate

17h00 – Intervalo

2.ª sessão – Moderação: Maria de Fátima Nunes

17h15 – Sara Albuquerque, *Frederico e a Planta Maravilhosa”: da investigação a um conto infantil*

“Frederico Welwitsch (1806-1872) foi um botânico e médico austríaco que encontrou a planta *Welwitschia* no Deserto do Namibe em Angola. “Frederico e a Planta Maravilhosa” é a história de



Frederico e do seu encontro com uma planta especial que vive no deserto africano. Esta história nasce da imaginação de um encontro que aconteceu a 3 de Setembro de 1859. A autora deste texto ao longo das suas investigações passou incontáveis horas entre arquivos, herbários e coleções de objetos. Cedo conheceu e se encantou pelas coleções de Welwitsch. Entre desenhos, plantas secas, mapas, notas e diários que estudou nasce esta história: o encontro entre uma planta do deserto e o naturalista Frederico.”

17h30 - Ema Pires, *Sobre muros de xisto, javalis e árvores: solidão e incerteza no interior de Portugal*

“Discutiremos resultados de trabalho em curso na Mó, uma aldeia quase desabitada do centro de Portugal (localizada em Proença-a-Nova, no distrito de Castelo Branco). Explora-se o processo de reconversão paisagística da aldeia em causa para defesa contra os incêndios florestais, e apresentam-se as visões alternativas dos residentes quanto ao futuro.”

17h45 - Cármen Almeida, *Amor aos quadradinhos...Fotonovelas: uma utilização da fotografia na construção do imaginário popular feminino*

“A fotonovela é encarada normalmente como um pastiche ou um eufemismo, pastiche do folhetim, do cinema, das histórias aos quadradinhos, da literatura da fotografia, reunindo em si o que de mais kitsch existe na moderna cultura ocidental. Todavia, o encontro entre o folhetim e o cinema na fotonovela segue uma tradição da literatura oral popular.

A partir da constatação da existência de poucos trabalhos académicos em Portugal sobre fotonovelas, propomo-nos investigar o tema sob a perspectiva teórica da História da Fotografia e da História das Mentalidades. Pretendemos estudar o uso das fotografias nas fotonovelas portuguesas, tendo como referência as principais coleções editadas por empresas especializadas.

Qual o papel do fotógrafo, do guionista, do estúdio utilizado? A partir da recompilação e revisão da bibliografia existente sobre a matéria, propomo-nos analisar as imagens, inventariar fotógrafos, estúdios e editoras, bem como reconhecer o testemunho de alguns dos intervenientes ainda vivos na sua produção, nomeadamente fotógrafos, actores e guionistas.”

18h00 – Ana Cristina Martins, *De foto-objeto a objeto didático: Panofsky, arqueologia e género*

“À semelhança do que sucede noutras áreas do conhecimento, a fotografia tem sido maioritariamente utilizada em história da arqueologia para ilustrar e/ou complementar narrativas e interpretações.

Recorrendo à nossa formação académica, onde a arqueologia conflui com a história da arte e o património, propomos uma análise específica e crítica sobre a fotografia enquanto objeto central e ponto de partida de estudo que foi já objeto de apreciação por parte de responsáveis pela produção de novas ferramentas didáticas destinadas ao ensino secundário.”

18h15 – Andrea Mouriño Schick, *La difusión del patrimonio arqueológico en el Noroeste Peninsular: un análisis de los discursos desde la perspectiva de género*

“Dentro del marco de la Arqueología Pública y los estudios de género presentamos un proyecto de investigación sobre los discursos construidos alrededor de la Prehistoria del Noroeste Peninsular desde una perspectiva crítica. El objetivo es identificar los patrones divulgativos imperantes y definir las situaciones y objetos históricos que configuran el discurso, tanto en su vertiente textual como visual, desde una perspectiva de género a modo de diagnosis. En otras palabras, conocer cómo se construye, produce y comunica el conocimiento científico al tejido social a diferentes niveles dentro del discurso ofrecido por los medios y canales oficiales de transferencia, en especial, a audiencias no especialistas.

Para ello se implementa una metodología sistemática creada *ex proceso* fundamentada en las estrategias y herramientas de análisis propias de la Teoría del Discurso y de la Semiótica Pragmática. Asimismo, con motivo de la realización de una estancia de investigación en el Instituto de Historia Contemporánea (IHC) – Polo de la Universidad de Évora bajo la orientación de la Doctora Ana Cristina Martins, nos hemos adentrado en la realidad portuguesa con el propósito de realizar un análisis comparativo en el marco del proyecto.

El avance de los resultados muestran la opacidad del género imperante en los contextos analizados al representar una visión deshumanizada, tecnocrática y sexista de la Prehistoria en la que se proyecta la dualidad antagónica de género propia de la cultura occidental contemporánea. Asimismo, evidencian la necesidad imperante de reflexión teórico-metodológica sobre el proceso de transmisión del conocimiento científico expuesto y su marco de comprensión, donde los estereotipos y sexismos están lejos de superarse.”

18h30 - Debate

16 de OUTUBRO

09h50 – Reabertura dos trabalhos

3.ª sessão – Moderação: Quintino Lopes

10h00 – Jorge Ferreira - *A História da Ciência enquanto ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento, para aplicação ao ensino e para a conexão de abordagens disciplinares distintas*

“A História da Ciência é o referencial para uma atividade pós-doutoramento que tem seguido três agendas distintas: a do aprofundamento e divulgação de temas que surgiram no âmbito de uma tese sobre a história da sismologia em Portugal, a da interpretação e divulgação de fontes históricas relacionadas com a ciência dos sismos para aplicação no ensino, e a da organização e participação em sete (a caminho de oito) jornadas anuais sobre a história da exploração mineira em São Domingos, um território tão modificado com recurso aos desenvolvimentos técnico-científicos, encontros que se caracterizam por incluir abordagens tão diversas como da arqueologia, da história, da geologia, da engenharia, da arquitetura, das ciências de educação, entre outras, evidenciando a natureza aglutinadora da história da ciência.

A reflexão sobre o trabalho desenvolvido permite concluir que qualquer uma das agendas recorre a arquivos e fontes de acesso nem sempre fácil, seja pela sua antiguidade seja pela indisponibilidade de acesso ao público, envolve trabalho mais individual mas quando em equipa se torna mais gratificante, e está associada à responsabilidade de divulgação, com publicações que procuram contribuir para o conhecimento dos protagonistas individuais e coletivos que fizeram e aplicaram a ciência e a tecnologia em Portugal, uma comunicação pública destinada a todo o tipo de público.”

10h15 – Isabel Cruz, *O que pode unir António Augusto de Aguiar, Virgílio Machado e Alfredo da Silva*

“O projeto “AMOR À PRÁTICA: o que pode unir António Augusto de Aguiar, Virgílio Machado e Alfredo da Silva” começou a tomar corpo no Verão de 2019, quando a ideia de possíveis ligações entre três incontornáveis figuras da Ciência, da Técnica e da Indústria dos séculos XIX e XX em Portugal, se pareceu confirmar e constituir numa proposta de estudo prometedora.

Assumido como um pós-doutoramento definido em figurino de colaboração com diferentes entidades, instituições, organizações e outros, o projeto desenvolve-se num regime de reciprocidade que assenta numa base estrutural dinâmica de produção, transmissão e preservação do conhecimento histórico. Por essa razão, junto com a instituição universitária, estão presentes a instituição escolar e a associação, ambas palcos de diálogos intergeracionais e veículos da construção e manutenção de memórias comuns.

Dos vetores de ação do projeto estão em curso os que permitem aprofundar o conhecimento ao nível socio-profissional de António Augusto de Aguiar, Virgílio Machado e Alfredo da Silva, com a Química como denominador comum. Começa a organizar-se também a forma como no Agrupamento de Escolas de Mem Martins se integrarão tópicos relativos às três figuras, em atividades no Domínio de Autonomia Curricular, e num amplo leque de áreas disciplinares ao nível do ensino secundário.

Por último, mas não menos importante, desenvolve-se uma linha de interação e partilha com “guardiões” de memória, os detentores de património, muito dele imaterial, que com o seu testemunho



essencialmente oral, mas não apenas, complementam e enriquecem de forma singular o quadro factual e interpretativo que o historiador é capaz de edificar.”

10h30 – José Caetano, *As Artes Químicas no Surgimento da Regulação Alimentar em Portugal: O Caso da Salicilagem dos Vinhos do Porto (1886-1902)*

“A popularização da Regulação Alimentar ganhou notoriedade na Europa na segunda metade do século XIX. Em Portugal, até ao início do século XX, foram os municípios que se encarregaram de levar a cabo esta supervisão. Com a primeira legislação consolidada sobre saúde pública e inspecção apenas em 1901, o município do Porto já havia fundado instituições científicas, como o Laboratório Municipal de Química do Porto (1884), para se encarregar de analisar a salubridade da água e resolver falsificações comerciais de alimentos.

A emergência da química analítica, intersectada com o método de ensino disruptivo na Academia Politécnica do Porto (1837-1911), viria a influenciar as novas tendências legislativas em matéria de Regulação Alimentar. Foram os cientistas da Academia do Porto, trabalhando nestes laboratórios, que construíram o período áureo da química portuguesa, uma tremenda evolução reconhecida pelos seus pares europeus.

Nesta comunicação, abordamos como a química portuguesa desempenhou um papel fulcral na densificação e popularização da Regulação Alimentar. A sua influência no resultado de uma disputa comercial entre Portugal e o Brasil, conhecida como o Caso da Salicilagem dos vinhos do Porto (1886-1902), tornou-se um caso paradigmático em que o conhecimento científico pôs termo a uma disputa comercial crítica. Não só aumentou o prestígio da química portuguesa a um nível internacional, como elevou o papel da ciência no desenvolvimento de políticas públicas, incorporando os químicos no esforço legislativo. Trazemos também novas perspectivas sobre a discussão histórica da definição jurídica dos padrões alimentares científicos, que alimentou discrepâncias nas decisões do que é certificado, espelhadas pelo debate contemporâneo sobre a regulação alimentar.”

10h45 – Joana Beato Ribeiro - *Identidades científicas: o património documental de Fernando da Silva Correia (1893-1966) – o projecto, expectativa vs. Realidade*

“O contacto com o arquivo e a biografia do médico Fernando da Silva Correia, em 2017 e 2018, conduziu à participação num projecto expositivo sobre a Grande Guerra (1914-1918) e ao desenvolvimento de um trabalho académico.

Foi a partir deste último que se formulou o projecto de doutoramento em curso, intitulado *Identidades científicas: o património documental de Fernando da Silva Correia (1893-1966)*, que tem como objectivos: 1) concluir o tratamento do arquivo pessoal e familiar Fernando da Silva Correia; 2) analisá-lo, assim como ao seu principal produtor através da História da Ciência, numa abordagem que privilegie a construção de identidade e património científicos e 3) elaborar um programa de valorização e difusão deste património documental, científico e cultural. Uma proposta interdisciplinar que liga 1) a Ciência da informação e a Arquivística Histórica; 2) a História da Ciência e, em particular, a da Medicina e 3) os estudos de património.

Nesta apresentação, ficaremos, por um lado, a conhecer melhor a biografia e a produção informacional de Fernando da Silva Correia, contextualizando a sua posição na História da Ciência e da Medicina, percebendo assim o contributo que ambos (produtor e arquivo) podem trazer para a actualidade e para o avanço científico. E, por outro lado, atendendo às circunstâncias especiais provocadas pela Covid-19, será feito um balanço do projecto, tendo em conta o plano e expectativas iniciais e a realidade hoje conhecida.”

11h00 - João Amendoeira Peixoto, *A Casa Vieira Guimarães*

“O trabalho de doutoramento desenvolvido por João Peixoto, por título *Medicina e Património Cultural em Tomar – o caso de José Vieira da Silva Guimarães*, pretende nesta Jornada de Outono incidir na proposta apresentada no III Congresso Internacional de História Local: conceitos, práticas e desafios na contemporaneidade em 2019, onde aborda a possibilidade de se efetuar o Centenário da Casa Vieira Guimarães (1920/1922 – 2020/2022).

Neste contexto, em reunião com o Município de Tomar em 2020, ficou em aberto a possibilidade de compilação de um livro sobre o edifício centenário, tendo em setembro de 2021 abordado a apresentação do mesmo na feira do livro de Tomar em 2022 e a realização de uma exposição na sala térrea da Casa Vieira Guimarães que é habitualmente utilizada para motivos culturais.

Desta forma, tendo já apresentado noutras intervenções o conteúdo do seu doutoramento, vem nesta jornada explorar este assunto sobre este edifício municipal presente na zona nobre da cidade de Tomar, que foi idealizado, mandado erguer e deixado em testamento ao município pelo Dr. José Vieira Guimarães (1864-1939); tomarense formado em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde conclui o curso em 1897, dedicou parte da sua vida à valorização do património cultural de Tomar.

É de salientar a importância da organização e realização da exposição pretendida pois permite estabelecer a ligação entre a produção de conhecimento científico e patrimonial, território e comunidades locais.”

11h15 - Intervalo

11h30 - Elisabete Pereira, *Contextos e perspetivas de investigação do projeto TRANSMAT*

“As coleções do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu Municipal Santos Rocha, com origem no estrangeiro e nas antigas colónias, são o objeto de investigação do projecto “TRANSMAT: Materialidades transnacionais (1850-1930): reconstituir coleções e conectar histórias”. Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, este projeto de investigação com início em Abril de 2021 irá, durante três anos, documentar e reconstituir as narrativas das mencionadas coleções destas duas instituições museológicas. Nesta comunicação expomos o contexto e os objectivos deste projecto de investigação que pretende valorizar e disseminar o património cultural bem como as conexões entre histórias locais e nacionais com contextos coloniais e transnacionais.”

11h45 - Catarina Teixeira, *O ‘Museu de Anatomia’ da Faculdade de Medicina de Lisboa (1825-1970): a biografia de um acervo invisível*

“Este projeto ambiciona contribuir para a valorização do ‘Museu de Anatomia’ da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Com origem na Escola Régia de Cirurgia (1825-1836) e Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1836-1911), pretendemos documentar e analisar, numa perspetiva comparativa e transnacional, as coleções anatómicas que atualmente se encontram depositados na referida Faculdade em Lisboa. Com base na literatura científica e em fontes históricas de diversa natureza, pretendemos reconstituir a biografia destes objetos científicos, de forma a refletir sobre o seu papel no ensino e investigação em Anatomia desde o séc. XIX até 1970. Atenderemos às diferentes fases de utilização, à circulação, aos diferentes significados assumidos, aos atores e instituições associadas, e à posterior desvalorização, analisadas à luz da crise das coleções universitárias na segunda metade do séc. XX. Dada a sua relevância histórico-científica prevemos igualmente contribuir para a conservação deste acervo e avaliar a possibilidade da sua musealização.”

12h00 - Geovana Jardim Dias, *Tecendo fios e moldando barro: uma análise de género das memórias do passado e presente de objetos materiais e imateriais do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo*

“Este projeto pretende estudar e conjugar arquétipos e símbolos ancestrais comuns do universo das artes e ofícios femininos presente nas coleções têxteis e de cerâmica do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo. Investigar como as mulheres se fizeram e se fazem presentes neste espaço, examinando linhas de fuga nas cartografias de seus percursos. Conhecer suas histórias e memórias destes objetos e perceber o quão relevante é refletir sobre as invisibilidades das artistas que os conceberam, compreendendo seus vários lugares na sociedade desde a pré-história aos dias de hoje.

Desvendar as referências de suas elaborações artísticas à época e até hoje: suas cosmologias, seus fluxos e suas malhas, seus modos de saber fazer. Alguns dos conceitos desta análise passarão pela historicidade da ciência etnográfica, e ainda, a descolonização do pensamento para a compreensão das invisibilidades.”



12h15 - Natália Melo, *Exposições das alterações climáticas no Antropoceno. Museus como vitrines de uma nova era*

“As alterações climáticas têm sido apresentadas como uma grande ameaça à continuidade da espécie humana e a elas somam-se outras alterações de origem antropogénica, constituindo um debate mais amplo sobre o poder modificador do humano sobre o ambiente. Estas modificações deixam marcas no planeta e os geólogos discutem a possibilidade de estarmos num novo período geológico: o Antropoceno (do grego anthropo- humano, e ceno, que significa novo), “uma época geológica caracterizada pela transformação humana dos sistemas planetários, na qual as alterações climáticas seriam a principal manifestação” (Arias Maldonado, 2017: 11-12). O olhar sobre as diversas causas e efeitos das ações humanas sobre a Terra abre espaço para a investigação, reflexão e divulgação.

Se por um lado o posicionamento político dos países em relação às questões ambientais parece ter influência na temporalidade e na forma de apresentação destes temas, as instituições que desenvolvem e acolhem estas exposições serão também atores importantes na sua análise. Os fatores institucionais determinam temas, composições e mensagens expositivas. A história, os princípios e marcos institucionais moldam o significado das exposições (Bergers & van Trijp, 2017; Staniszewski, 1998: 39), fazendo dos museus vitrines do passado e do presente, através das quais podemos compreender discursos e relações institucionais, políticas e sociais.

Partimos de um conjunto de 334 exposições identificadas entre 1992 e 2018, para refletir sobre o papel dos museus, enquanto instituições fidedignas dedicadas à disseminação do conhecimento, como impulsionadores de um movimento de consciência do Antropoceno e da emergência climática que agregue questões científicas, sociais, emocionais e comportamentais.”

12h30 – Debate e encerramento dos trabalhos por Maria de Fátima Nunes e José Pedro Sousa Dias

Organização

Ana Cristina Martins
Quintino Lopes
Maria de Fátima Nunes